



DENOMINANDO ESTRELAS: UM ESTUDO DIALETAL A PARTIR DE DADOS LEXICAIS DO PROJETO ALiB EM CAPITAIS DE DUAS REGIÕES BRASILEIRAS

Ana Rita Carvalho de Souza (UFBA)¹
anaritacarvalhodesouza@hotmail.com

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)²
marcelamtpaim@yahoo.com.br

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo descrever as denominações para as estrelas nas capitais das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil observadas no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os dados foram coletados *in loco* em nove capitais das duas regiões, que compõem a rede de pontos do ALiB. Na Região Centro-Oeste, eles foram catalogados por Carvalho (2015) em Dissertação de Mestrado e, na Região Norte, os dados estão sendo trabalhados em pesquisa de Mestrado com defesa prevista ainda para esse ano pelas autoras. No total, a pesquisa conta com a contribuição de 72 informantes, estratificados por sexo (homem e mulher), faixa etária (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental incompleto e universitário). O intuito é verificar os usos linguísticos e documentar a diversidade lexical do português falado nessas regiões, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional. O enfoque é dado a três questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, (COMITÊ NACIONAL, 2011, p. 23) retiradas da área semântica Astros e Tempo e que investigam os nomes dados à “Estrela da Manhã”, à “Estrela da Tarde” e à “Estrela Cadente”. As respostas serão avaliadas com vistas a corroborar se há ou não a existência de homogeneidade nos falares do Norte e do Centro Oeste do país.

PALAVRAS-CHAVE: Região Norte; Região Centro-Oeste; Projeto ALiB; Estrelas.

ABSTRACT: This work aims to describe the names for the stars in the capitals of North and Midwest Regions of Brazil observed in the *corpus* of the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB). Data were collected on the *in loco* in nine cities in the two regions, which make up the ALiB network of points. In the Midwest Region, they were cataloged by Carvalho (2015) in Master's Thesis and in the North Region, the data are being worked on in a Master's research with defense expected later this year by the author. In total, the work has the contribution of 72 informants, stratified by sex (man and woman), age (age range 1 - 18 to 30 years and age range 2 - 50 to 65 years) and education (incomplete elementary and university). The aim is to verify the linguistic use and document the lexical diversity of the Portuguese spoken in these regions, following the principles of Pluridimensional Geolinguistics. The focus is given to three questions from the ALiB Project's Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), (COMITÊ NACIONAL, 2011, p. 23) taken from the Stars and Weather (Astros e Tempo) semantic area and which investigate the names given to Morning Star (*Estrela da Manhã*), Evening Star (*Estrela da Tarde*) and Shooting Star (*Estrela Cadente*). The responses will be evaluated with a view to corroborating whether or not there is homogeneity in the statements of the North and Midwest of the country.

KEYWORDS: North Region. Midwest Region. ALiB Project. Stars.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

² Professora Associada II de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.



1 Introdução

As pesquisas dialetais no Brasil têm demonstrado seu histórico inovador, no que se refere ao léxico investigado, pois é possível observar ao longo do tempo que os estudiosos que se debruçaram no estudo desse aspecto linguístico foram aprofundando cada vez mais as suas análises.

Esse trabalho utiliza algumas das elocuições dos informantes armazenadas no Banco de Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esses dados foram coletados em duas pesquisas realizadas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de universidades federais brasileiras, um deles já defendido³ e o outro em andamento, com defesa prevista ainda para esse ano. A elaboração do estudo não tem outro objetivo que não seja descrever o nosso português, a partir de dados lexicais de natureza geolinguística. Por isso, nas páginas que se seguem, apresentaremos reflexões sobre os estudos dialetais brasileiros, o método de trabalho utilizado, a descrição do estudo realizado com os dados, bem como a exposição dos resultados encontrados a fim de verificar se o léxico estudado evidencia heterogeneidade nos falares das regiões estudadas.

2 Estudos dialetais brasileiros

Alguns dos nossos precursores em estudos do léxico em comunidades específicas são Amadeu Amaral (1955), Antenor Nascentes (1953) e Mario Marroquim (1934), com as obras “O dialeto caipira”, “O linguajar carioca em 1922” e “A língua do Nordeste”, respectivamente.

Em “O dialeto caipira”, o autor buscou descrever a “fala caipira” tão estigmatizada na época pela minoria dita “cultura”, além de destacar que havia certo

³CARVALHO, Paola M. de O. *Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil*. 2015. 224 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.



distanciamento entre os falantes dos centros urbanos quando comparados com os da zona rural. Em “O linguajar carioca em 1922”, o autor faz considerações sobre o falar brasileiro, observados no período e ainda propõe a divisão desses falares em dois grandes grupos: os do Norte e os do Sul, que depois viriam a ser subdivididos em seis subgrupos: o Falar Amazônico, o Falar Nordestino, o Falar Baiano, o Falar Fluminense, o Falar Mineiro e o Falar Sulista. “A língua do Nordeste”, o autor se dedica a observar as questões humanas que são particulares de cada idioma, ou seja, as questões socioculturais, que são em sua maioria desprezadas, mas que não deveriam, pois são parte sistemática do processo comunicativo do falante.

Nas três obras, é possível observar as características básicas dos estudos dialetais que são: a seleção da área geográfica, o registro *in loco* dos falantes em seu cotidiano e a escolha do fenômeno ou dos fenômenos linguísticos baseados em aspectos que caracterizam cada comunidade como sendo específica, ou seja, que caracterizam as áreas pesquisadas como particular. Essa é a mola propulsora dos estudos dialetais. A inquietação por ver determinado fenômeno ocorrer na língua e enxergar nele as particularidades de quem fala, de onde fala e como fala.

A partir desses estudos, temos uma série de outros trabalhos que foram produzidos com o intuito de destacar os falares brasileiros como múltiplos e não como homogêneos e estáveis. Dessa forma, apresentam-se os atlas linguísticos que, a partir da década de 60, passaram a concentrar no Brasil, principalmente, estudos de natureza dialetal baseados em dados geolinguísticos. Nesse quesito, podemos mencionar:

- a) *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI et al., 1963);
- b) *Atlas Lingüístico da Paraíba* – ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984);
- c) *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* – ALERS(ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011);
- d) *Atlas Lingüístico de Sergipe* – ALS(FERREIRA et al., 1987) e
- e) *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994).



Dos exemplos dados, pode-se dizer que “São trabalhos pioneiros no campo da Geolinguística brasileira, que revelam o amadurecimento de uma mentalidade dialetológica já preconizada em 1957 por Silva Neto” (ROMANO, 2013, v. 13, n. 02, p. 207). Vale ressaltar que muitos atlas estaduais e regionais, além desses mencionados, já foram publicados ou estão com seus trabalhos em andamento. Não se pode deixar de dar-lhes o devido crédito pelo papel desempenhado e por suas contribuições aos estudos geolinguísticos e dialetais em todo o território nacional.

Mas, por que estamos tratando de alguns exemplos, mesmo que resumidamente, dos trabalhos que se dedicaram e dedicam a verificar a heterogeneidade linguística a partir do espaço geográfico? A resposta é simples: o fazemos porque queremos chegar naquele que consideramos o empreendimento de maior despojo científico, no que concerne aos estudos dialetais no país, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, ou simplesmente, Projeto ALiB.

Com dois volumes já publicados (CARDOSO et al., 2014a; 2014b), o Atlas Linguístico do Brasil foi e é, sem dúvida, o maior projeto criado para mapear e descrever o português falado no Brasil porque abrange todo o território nacional e, como sabemos, vivemos em um país com mais de 8 milhões e 500 mil metros quadrados, o que torna o seu desenvolvimento bastante trabalhoso e custoso em todos os aspectos. Após a publicação de seus dois primeiros volumes, vários estudos puderam ser feitos e estão em andamento, a partir dos dados coletados pelos dialetólogos que foram a campo e entrevistaram 1100 informantes distribuídos pela rede de pontos do referido projeto, composta por 250 pontos. São inúmeros trabalhos de pós-graduação, de conclusão de curso, de pesquisas de iniciação científica, entre tantos artigos, livros e capítulos de livros escritos com base nos dados do Projeto ALiB e que objetivam mapear o nosso português em todos os seus aspectos, desde o geográfico ao social.

3 Pressupostos Metodológicos

A Região Centro-Oeste foi escolhida para contraste de dados, pois possui fronteira geográfica com a Região Norte brasileira, que tem seus dados linguísticos estudados pelas autoras em pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Os dados do Centro-Oeste foram trabalhados pela Professora Mestre Paola Mahyra de Oliveira Carvalho na dissertação defendida em 2015, sob a orientação da Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo que é membro do Comitê Nacional do Projeto ALiB.

Selecionadas as regiões geográficas, partiu-se para a seleção das questões em comum trabalhadas. Carvalho (2015) trabalhou com três áreas semânticas do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiB: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos e Astros e Tempo. As autoras, no entanto, analisam Astros e Tempo, apenas. Das dezessete questões que compõem Astros e Tempo, Carvalho (2015) elegeu três: QSL029 – Estrela Matutina, QSL030 – Estrela Vespertina e QSL031 – Estrela Cadente, enquanto as autoras trabalham com cinco, além das três mencionadas somam-se o QSL032 – Movimento da Estrela Cadente e QSL033 – Via Láctea. Dessa forma, abordaremos nesse estudo, as denominações para a Estrela Matutina, Estrela Vespertina e Estrela Cadente nas capitais das Regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, a partir dos dados do Projeto ALiB, em que as perguntas do seu questionário estão assim formuladas:

- a) QSL29 – De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
- b) QSL30 – De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte e brilha mais. Como chamam esta estrela?
- c) QSL31 – De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

Dos 250 pontos que compõem a rede de pontos do ALiB, esse trabalho se propõe a avaliar nove deles. Seis estão na Região Norte: 002.Macapá (AP), 003.Boa

Vista (RR), 006.Manaus (AM), 012.Belém (PA), 020.Rio Branco (AC) e 021.Porto Velho (RO) e os outros três estão na Região Centro-Oeste: 108.Cuiabá (MT), 115.Campo Grande (MS) e 123.Goiânia (GO). Essas localidades, assim como todas as outras, foram selecionadas seguindo critérios demográficos, históricos e culturais, considerando-se também, a extensão de cada Estado/Região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos, por isso, na Região Norte do país, a capital Palmas foi excluída da pesquisa, pelo entendimento de que seu tempo de formação seria pouco para fornecer pais e filhos nascidos na localidade somados aos outros critérios utilizados para seleção dos informantes, quando as equipes foram a campo.

O perfil dos entrevistados do Projeto ALiB também seguiu critérios de seleção que foram discutidos pela equipe de dialetólogos quando estavam em fase de elaboração metodológica. Para atender ao critério espacial, foram considerados os informantes da localidade, filhos de pais também da localidade, além de considerar fatores sociais como sexo, idade e escolaridade, conforme mostra o quadro:

Quadro 1 – Perfil dos informantes do Projeto ALiB

NºInformante	Nível de escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados do ALiB

É válido destacar que, nas cidades do interior, o Projeto ALiB entrevistou apenas quatro informantes, com nível de escolaridade fundamental incompleto, por entender que

naquele período não seria fácil encontrar em muitas cidades interioranas brasileiras, informantes com escolaridade mais alta. Dessa forma, por questões metodológicas, nas cidades do interior, têm-se quatro informantes com pouca escolaridade e nas capitais temos oito informantes, quatro de pouca escolaridade e quatro com nível universitário de escolaridade.

Apresentada a rede de pontos e demonstrado o perfil dos informantes observados podemos, então, destacar os passos desenvolvidos nesse trabalho. Primeiro, nos dados da Região Norte, após a audição dos inquéritos e a transcrição dos recortes requeridos, foi feita a tabulação, em planilha do *Microsoft Excel*, com todas as respostas dadas para, a partir delas, trabalharmos os agrupamentos nominais. Para os dados da Região Centro-Oeste, que foram estudados por Carvalho (2015) em Dissertação de Mestrado, foi feita a leitura desse material, para coletar os dados que foram validados por ela. Neste caso, ela validou alguns nomes e para os não-validados, afirma que “[...] foi feita a exclusão das respostas consideradas não válidas por não designarem o conceito expresso pela pergunta” (CARVALHO, 2015, p.65).

Dessa forma, preferimos nesse estudo não trazer à discussão aqueles nomes que foram desconsiderados por entendermos que avaliar suas motivações nesse momento não seria pertinente. Outro dado que preferimos deixar para outro momento são as não respostas, porque compreendemos que nesse quesito, existem muitos pontos que precisam ser destacados e que nesse espaço elas também não estariam relacionadas ao objetivo do trabalho. Por isso, todos os nomes contabilizados válidos em ambas as amostras foram transportados para a mesma planilha no *Microsoft Excel*, a fim de comparação dos dados. Vale ressaltar que Carvalho (2015) identifica, como válidos, aqueles nomes que ela encontrou similitude ou congruência de significados durante a pesquisa aos dicionários, enquanto que nos dados da Região Norte levamos também em consideração conceitos da Astronomia, baseados nos estudos de Aquino (s.d.) e de Mourão (1987).

O próximo passo foi verificar a dicionarização dos nomes validados. Carvalho (2015) utilizou como referências lexicográficas: Morais e Silva (1813), Houaiss (2001), Ferreira (2004) e o Dicionário Informal *on-line* de Língua Portuguesa. Destas obras



destaca que “Na obra de Moraes e Silva (1813), as lexias documentadas não se encontram dicionarizadas, estando presente apenas a definição de estrela como ‘corpo celeste esférico e denso, com luz própria ou alheya’” (CARVALHO, 2015, p.185). Para amostra da Região Norte, utilizamos as obras: Franco (1912), Caldas Aulete (1986), Aurélio (1986) e Houaiss (2009). Destacamos que na obra de Franco, o *Dicionário de Expressões Populares Brasileiras*, nenhum dos nomes pesquisados se encontra dicionarizado.

A partir da consulta aos dicionários e partindo da observação das semelhanças e das diferenças entre as respostas dadas, buscaremos através da cartografia, identificar se temos homogeneidade nos falares ou não. Na próxima seção, apresentaremos os resultados encontrados por questão, bem como todas as comparações feitas entre as áreas geográficas observadas.

4 O que os dados nos revelam?

Para responder a esta pergunta, apresentaremos três subseções contendo, cada uma delas, as denominações utilizadas como respostas às perguntas do QSL, bem como as análises feitas e comparações estabelecidas.

4.1 029 – De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

As respostas obtidas para esta questão foram: *Estrela Dalva*, *Estrela Guia*, *Estrela Matutina*, *Planeta Vênuse Estrela da Manhã*. No quadro 2 podemos verificar a diatopia dos dados:

Quadro 2: Distribuição diatópica dos dados do QSL029

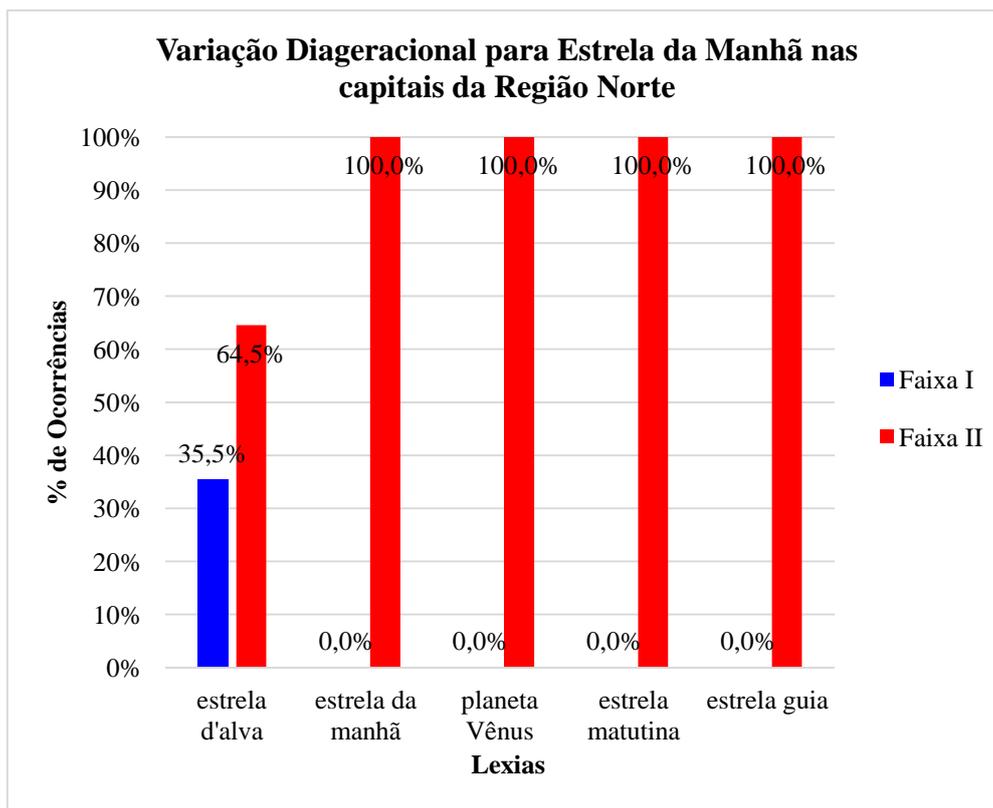
Nº	LOCALIDADE	RESPOSTA OBTIDA
002	Macapá	Estrela Dalva, Estrela Matutina e Planeta Vênus.
003	Boa Vista	Estrela Dalva.
006	Manaus	Estrela Dalva, Estrela Guia e Planeta Vênus.
012	Belém	Estrela Dalva, Estrela da Manhã.
020	Rio Branco	Estrela Dalva.
021	Porto Velho	Estrela Dalva e Planeta Vênus.
108	Cuiabá	Estrela Dalva e Estrela Matutina.
115	Campo Grande	Estrela Dalva.
123	Goiânia	Estrela Dalva, Estrela Guia e Planeta Vênus.

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora

Como podemos observar, a denominação *Estrela Dalva* aparece em todas as capitais observadas e em três delas foi a única denominação utilizada pelos informantes para nomear o referente procurado. A denominação *Estrela Matutina* aparece em uma capital de cada região e, segundo os dados de Carvalho (2015) e os coletados na Região Norte, ela aparece na fala de informantes com nível de escolaridade universitária. *Estrela Guia*, que aparece em duas das nove capitais observadas, não está dicionarizada em nenhuma das obras consultadas pelas pesquisadoras, mas de acordo com o Dicionário Informal, ela seria aquela que norteia os caminhos e que indica a direção certa. A motivação semântico-lexical desse nome pode estar atribuída à tradição cristã católica que afirma que esta estrela orientou os Três Reis Magos até o Menino Jesus. De acordo com o estudo de Astronomia feito por Mourão (1987), o nome do astro de que estamos falando é *Planeta Vênus*. As denominações *Estrela Dalva*, *Estrela da Manhã* e *Estrela Matutina* são nomenclaturas populares dadas a esse astro, tomando-se, como referência, o horário em que ela aparece ou o seu brilho intenso.

Sobre os fatores sociais observados pelo Projeto ALiB, percebemos que Carvalho (2015) avaliou os dados das capitais em conjunto com os dados das cidades do interior de cada estado, o que nos impossibilita de comparar o comportamento das respostas entre regiões. Por isso, apresentaremos somente os dados observados nas capitais da Região Norte. Para o QSL029, pudemos perceber que a idade dos informantes nos revelou um dado curioso: que os jovens conhecem ou fazem uso de apenas uma das variedades, *Estrela Dalva*. Porém, o percentual de dados de *Estrela Dalva* na fala dos jovens foi de apenas 35,5%, enquanto para os idosos o percentual foi de 64,5%. A partir da observação do gráfico 1, podemos ver a produtividade e o destaque para o fator faixa etária.

Gráfico 1: Variação Diageracional para Estrela da Manhã nas capitais da Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora.

Como destacado no gráfico 1, todas as outras denominações foram ditas, exclusivamente, pelos idosos, atingindo todas, os 100%. Esse repertório linguístico mais

amplo pode se justificar nas experiências de vida desses indivíduos que, ao longo do tempo, acumularam conhecimentos e com eles ampliaram seu vocabulário.

Quando observamos o sexo, percebemos que as mulheres são as informantes com maior repertório linguístico, com nomes como *Estrela da Manhã* e *Estrela Guia*, alcançando percentuais de 100% de uso por esse perfil. No entanto, temos *Planeta Vênus*, dito exclusivamente, por homens e *Estrela Dalva* e *Estrela Matutina* ocorrendo de maneira equilibrada na fala de homens e mulheres. O mesmo comportamento é observado quando verificamos a escolaridade dos indivíduos. *Estrela da Manhã* e *Estrela Guia* estão na fala das informantes mais jovens e com pouca escolaridade, em sua totalidade, enquanto *Planeta Vênus* e *Estrela Matutina* aparecem na fala dos informantes com maior nível de escolaridade. O único nome que ocorre na fala de informantes tanto com baixa escolaridade quanto com alta é *Estrela Dalva*, que vem mostrando um equilíbrio no uso, pelo menos na Região Norte brasileira.

4.2 030 – De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte e brilha mais. Como chamam esta estrela?

As respostas obtidas para esta questão foram: *Estrela Dalva*, *Estrela Guia*, *Estrela Vespertina*, *Planeta Vênus*, *Estrela da Tarde*, *Estrela Boiadeira* e *Planeta Marte*. No quadro 3, podemos observar a diatopia dos dados:

Quadro 3: Distribuição diatópica dos dados do QSL030

Nº	LOCALIDADE	RESPOSTA OBTIDA
002	Macapá	Estrela Dalva, Estrela Vespertina, Planeta Vênus.
003	Boa Vista	Estrela Dalva e Planeta Vênus.
006	Manaus	Estrela Dalva, Estrela Guia.

012	Belém	Estrela Dalva.
020	Rio Branco	Estrela Dalva.
021	Porto Velho	Estrela Dalva, Estrela Guia.
108	Cuiabá	Estrela Dalva e Planeta Marte.
115	Campo Grande	Estrela Boiadeira.
123	Goiânia	Estrela da Tarde.

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora.

De acordo com a Astronomia, o referente de que estamos falando também se trata do *Planeta Vênus*, ou seja, o mesmo astro que vemos desaparecer por último de manhã no céu e que brilha tanto, mesmo com a luz do dia é o mesmo astro que aparece a tarde, antes dos outros astros e brilha mais do que todos eles. Nas regiões observadas, percebemos que a maioria dos entrevistados usa o nome *Estrela Dalva* para denominar esse astro, exceto os informantes de Campo Grande e Goiás, que fizeram uso de *Estrela Boiadeira* e *Estrela da Tarde*, respectivamente. *Estrela Vespertina*, ao contrário das duas últimas, foi dita por informantes da Região Norte e concordando com o padrão de respostas dadas na questão anterior, foi mencionada também por entrevistados de nível de escolaridade universitário. Acredita-se que o nome *Estrela Guia* seja utilizado para os dois referentes pelo mesmo motivo e que também já esteja condicionada no imaginário popular: a estrela que guia é uma só, independente do horário que apareça. Quando observamos o exemplo de inquérito, podemos perceber esse condicionamento cultural:

INQ.- Aí de tardezinha tem uma que aparece antes que as outras...

INF.- Olha eu acho que é a mesma que (risos)..., é a mesma estrela.

INQ.- É, mas de manhã ela tem um nome e a tarde outro, não é?

INF.- Não, mesma coisa.

INQ.- Mesma coisa?

INF.- É, estrela guia, “olha a minha estrela”, a gente num, a gente nota mais isso em terreno.



(Manaus, Mulher, Faixa 2, Fundamental)

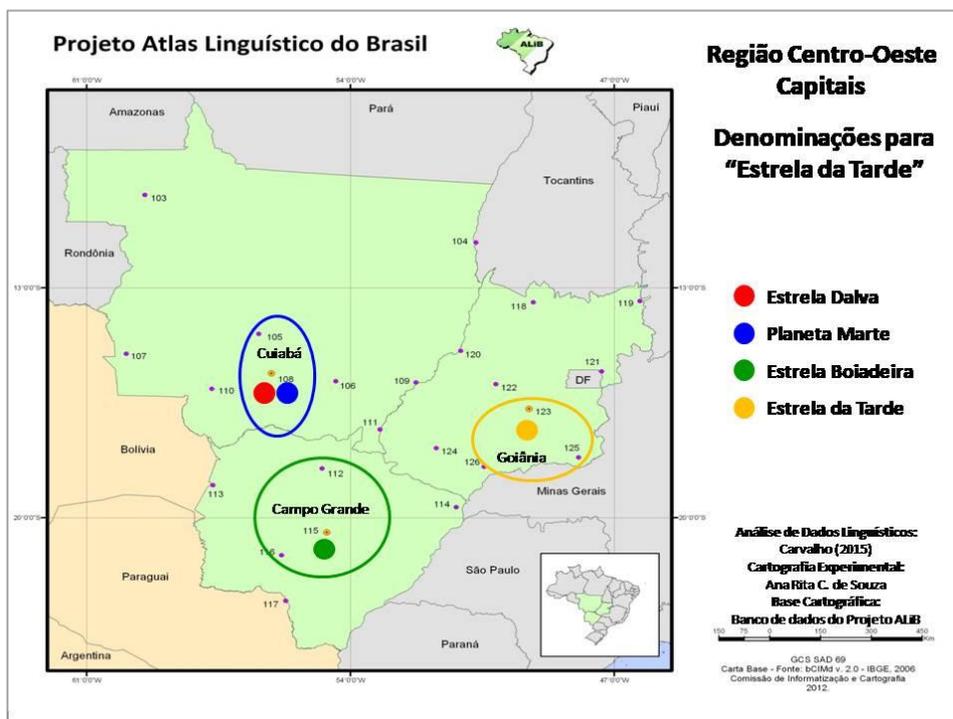
Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Como vemos, a informante é assertiva quando diz se tratarem da mesma estrela.

Carvalho (2015) não tece comentários a respeito da validação do nome *Planeta Marte*. Contudo, acreditamos que ela o tenha feito porque, se o astro pesquisado é um planeta, talvez por falta de conhecimento suficiente nessa área os falantes da língua se apropriem da primeira imagem que lhes vem à mente. Essa informação, obviamente, é inconclusiva, mas levando em consideração que em outros locais do Brasil outros informantes tenham dito nomes de outros planetas para nomear tanto a *Estrela da Manhã* quanto a *Estrela da Tarde*, é possível que essa conjectura se confirme e que os informantes desconheçam quem é Marte e quem é Vênus dentro do Sistema Solar.

Por fim, *Estrela Boiadeira* foi o nome com 100% de produtividade na capital Campo Grande. Mourão (1987, p.109) define a boieira como “Vocábulo popular usado no Brasil para designar o aparecimento vespertino do Planeta Vênus. O motivo desse nome está no fato de que esse momento de sua visibilidade coincide com a hora em que os boiadeiros conduzem o gado de volta aos currais”. Dessa forma, temos boiadeira como variante fônica de boieira. Ao observarmos a figura 1, percebemos que a localização geográfica dessa variedade demarca a diferença, que no início deste estudo nos propusemos a buscar, pois ela não foi utilizada pelos informantes da Região Norte em nenhuma das capitais pesquisadas. Percebe-se também que isso se observa com a variedade *Estrela da Tarde*, que só foi dita por informantes na capital Goiânia:

Figura 1: Denominações para Estrela da Tarde nas capitais da Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras.

A *Estrela Boiadeira*, para ser mais específica, retrata a realidade da cultura do povo sul-matogrossense. De acordo com o portal eletrônico do Governo do Estado, as principais fontes econômicas do Estado são a agricultura e a pecuária e que, devido a sua geografia, nos campos limpos, pratica-se a pecuária de corte, com numeroso rebanho bovino. Observando esse enredo, é possível entender o porquê, no imaginário popular dos campo-grandenses, a norma para essa estrela seja *Estrela Boiadeira*.

Com relação aos fatores sociais estudados pelo Projeto ALiB, a mesma observação feita para o QSL029 se aplica a esta e a próxima questão a ser analisada, quanto aos dados da Região Centro-Oeste. No entanto, os dados da Região Norte nos mostram as seguintes informações quanto aos nomes dados para a Estrela da Tarde: com relação ao sexo, as respostas estão equilibradas, com percentuais em torno dos 50%, exceto para *Planeta Vênus* que foi 100% utilizado por mulheres. Quanto à faixa etária, seguindo o padrão de respostas dado para o QSL029, os idosos também

mostraram ter maior repertório linguístico, excetuando-se apenas a denominação *Planeta Vênus*, que foi dita, em sua maioria, pelas informantes mais jovens. E, finalmente, a escolaridade, que mostrou no final da análise que aqueles indivíduos que frequentam a escola acabam por ampliar seu vocabulário com uso de adjetivos ou nomenclaturas técnico-científicas. Como exemplo, temos a *Estrela Vespertina* e o *Planeta Vênus* que tiveram 100% de produtividade na fala de informantes de nível universitário de escolaridade. A *Estrela Dalva* apresenta percentual de 56,5% e *Estrela Guia* de 66,5% nesse mesmo grupo de falantes. Em resumo, os informantes com mais escolaridade apresentam maior repertório vocabular, no que concerne à *Estrela da Tarde*.

4.3 031 – De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

As respostas dadas para esta pergunta foram: *Cometa, Estrela Cadente, Estrela Guia, Meteorito e Meteoro*. O quadro 4 exhibe a diatopia dos dados:

Quadro 4: Distribuição diatópica dos dados do QSL031

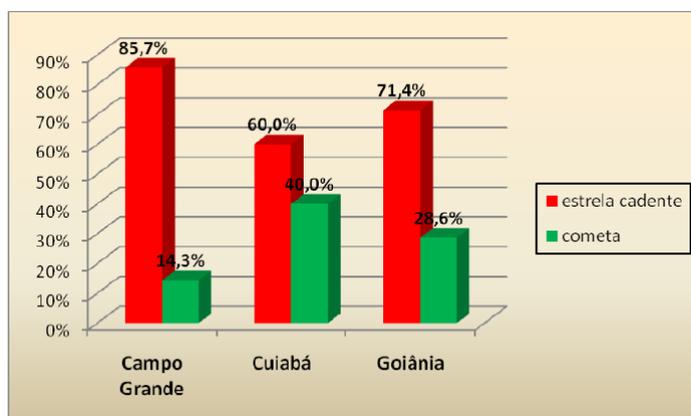
Nº	LOCALIDADE	RESPOSTA OBTIDA
002	Macapá	Estrela Cadente.
003	Boa Vista	Estrela Cadente, Cometa, Meteoro e Meteorito.
006	Manaus	Estrela Cadente, Cometa e Meteoro.
012	Belém	Estrela Cadente, Cometa e Estrela Guia.
020	Rio Branco	Estrela Cadente e Cometa.
021	Porto Velho	Estrela Cadente e Meteoro.
108	Cuiabá	Estrela Cadente e Cometa.

115	Campo Grande	Estrela Cadente e Cometa.
123	Goiânia	Estrela Cadente e Cometa.

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora.

Observe que os nomes para a o referente buscado se ampliam na Região Norte, ao contrário da Região Centro-Oeste que eles se concentram. Percebemos, como nas outras questões, que existe uma norma específica para cada referente observado e, nesse caso, trata-se de *Estrela Cadente*, que apareceu nas respostas dadas em todas as capitais observadas. Na figura 2, podemos verificar a produtividade de cada uma delas na Região Centro-Oeste:

Figura 2: Produtividade das denominações para Estrela Cadente nas capitais da Região Centro-Oeste



Fonte: Carvalho (2015, p. 203)

Verificamos que o nome *Estrela Cadente* tem maior percentual de uso nas três capitais observadas, porém que ela ocorre simultaneamente com o nome *Cometa*. Carvalho (2015) encontrou definição para *Cometa* em duas das obras por ela consultadas, além do dicionário Informal também trazer uma definição. Na primeira, “Astro de cauda luminosa que gira em torno do Sol” (HOUAISS, 2001, [s.p.]), na segunda,



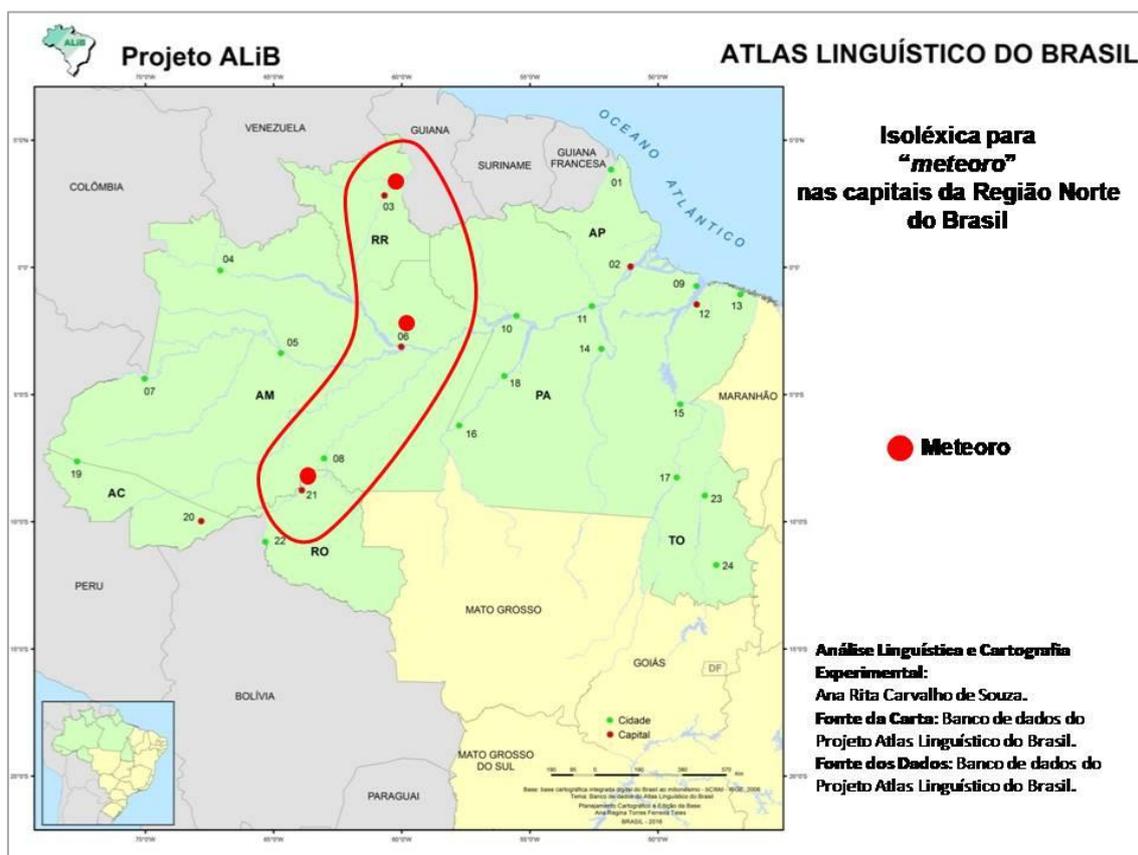
Astro de luminosidade fraca, formado por um grupo de pequenas partículas sólidas, com envoltório gasoso, e que gira em torno do Sol em órbitas elípticas muito alongadas, algumas das quais praticamente parabólicas, e nalguns casos aparentemente hiperbólicas. Na proximidade do Sol, por efeito da pressão de radiação, forma-se em grande número de cometas uma longa cauda, que se estende a milhões de quilômetros (FERREIRA, 2004, [s.p.]).

Como percebemos, as definições de *Cometa* apresentadas por Carvalho (2015) não fazem nenhuma relação com a *Estrela Cadente* e, nesse caso, concluímos que ela validou esta informação pelo percentual de produtividade nas respostas e pela similitude nas definições. O mesmo caso que ocorre com a *Estrela Guia*, também ocorre aqui. O *Cometa*, por ter uma cauda luminosa, pode ser confundido facilmente pelas pessoas aqui na Terra. Dessa forma, condicionou-se no imaginário popular que esse astro com cauda luminosa se trata do mesmo referente, pois é desconhecida a ciência que há por trás desse fenômeno, conforme atesta Labov (2008, p.221), que diz que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa”.

Quando partimos para observar os dados da Região Norte, percebemos que além desses dois nomes temos outros três. Novamente a *Estrela Guia*, *Meteoro* e *Meteorito*. *Estrela Guia* foi validada pelas autoras nas três questões pelo mesmo motivo já explicado. O informante que a utiliza já internalizou que a estrela que norteia os caminhos pode ser qualquer uma, independente do horário que apareça ou de como ela apareça. Já para *Meteoro*, em Houaiss (2009), temos o relacionamento com o nome *Estrela Cadente*, ou seja, denominam o mesmo referente. Para Mourão (1987), o *Meteoro* pode ser chamado de *Estrela Cadente*, entre outros nomes e que o Meteorito é a parte física do Meteoro que atinge a superfície da terra, ou seja, cada parte do fenômeno astronômico recebe um nome, mas para nós aqui na Terra ele acaba se tornando um só. Na realidade, o fenômeno observado não se trata de uma estrela, mas sim de um fragmento de um meteoróide que em contato com a atmosfera terrestre se incendia e pode atingir a superfície da Terra.

Como aconteceu com as denominações para a *Estrela da Tarde* na Região Centro-Oeste, temos aqui na Região Norte duas denominações que não foram encontradas nos dados do Centro-Oeste: *Meteoro* e *Meteorito*. Os nomes *Meteoro* e *Meteorito*, no entanto, não demonstram correlacionarem-se com a cultura local da Região Norte, por serem nomenclaturas técnicas para o referente, mas o posicionamento geográfico das localidades que apresentam pelo menos um dos vocábulos em seu repertório linguístico, indica que ali pode haver uma subárea dialetal e que futuramente, com a análise de todos os pontos do Projeto ALiB, poderá se confirmar ou não. Na figura 3, observa-se essa distribuição com o traçado da isoléxica para o nome *Meteoro*.

Figura 3: Isoléxica para *Meteoro* nas capitais da Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora.

Na Região Norte, os fatores sociais nos revelam que, quanto à faixa etária, *Cometa* e *Meteoro* foram ditas em sua maioria pelos idosos com percentuais acima dos 60% para as duas, enquanto *Estrela Cadente* foi dita por maioria jovem, com percentual de 65,6% para este perfil. Destaque está nos nomes *Meteorito* e *Estrela Guia* que tiveram cada uma, 100% de uso na fala de jovens e idosos, respectivamente. Quanto ao sexo, percebemos que os homens mostram ter maior repertório linguístico que as mulheres, superando-as em *Estrela Cadente* e *Meteoro* e atingindo 100% de produtividade com *Estrela Guia*. No entanto, as mulheres apresentam percentual de 66,7% de uso da variedade *Cometa* e alcançaram 100% de produtividade com a variedade *Meteorito*. Apesar dos índices de uso de *Meteorito* e *Estrela Guia* serem baixos com relação ao número de respostas dadas, elas foram consideradas válidas levando em conta o critério de seleção baseado no estudo de Astronomia de Mourão (1987).

A escolaridade dos informantes nos mostrou que é maior o percentual de uso dos nomes *Estrela Cadente*, *Cometa* e *Meteoro* entre os informantes com mais escolaridade, no entanto os nomes *Meteorito* e *Estrela Guia* tiveram 100% de produtividade na fala de informantes com baixa escolaridade. O uso de *Meteorito* por um informante com pouca escolaridade levanta hipóteses de que a rádio e a televisão influenciavam as pessoas em seu processo de aprendizagem e de aceção do mundo ao seu redor naquele momento de coleta do material. Isso hoje pode ser percebido também com o uso da internet, há muita informação circulando e muito rapidamente. Dessa forma, adquirir conhecimentos sobre determinados aspectos, independe de ir ou não à escola, mas sim, do contexto social em que esse indivíduo está inserido.

5 Para finalizar

Primeiro, é preciso dizer que os objetivos iniciais almejados com esse trabalho foram alcançados porque temos um parecer sobre a heterogeneidade nos falares das Regiões Norte e Centro-Oeste brasileiras. Segundo, devemos ressaltar que dois blocos



de dados observados em momentos distintos acabaram por nos impossibilitar de fazer análises mais profundas, principalmente com relação aos fatores sociais que o Projeto ALiB investiga. Terceiro é preciso destacar que a história de formação das populações das regiões observadas oferece aspectos múltiplos que por si explicam a variedade de usos apresentada, mas que não foi discutida neste estudo, porque entendemos que não se aplicaria ao objetivo aqui proposto, inicialmente e não teríamos tempo hábil para fazê-lo.

Desse modo, esse trabalho propôs verificar se há ou não heterogeneidade nos falares do Norte e do Centro-Oeste brasileiro, baseado em dados lexicais, e constatamos que nas duas regiões temos normas compartilhadas, como acontece com *Estrela Dalva*, *Estrela Guia*, *Estrela Matutina* e *Planeta Vênus* para nomear aquela estrela que vai embora depois das outras e que de manhã continua a brilhar. Para essa questão, no entanto, não foi verificada variedade específica do Norte ou do Centro Oeste, ficando atestado que, no que concerne ao QSL029, não há diferenças entre os falares.

Para nomear aquela estrela que aparece no fim da tarde antes das outras e que brilha mais, destacamos que não há uma norma aplicável nas duas regiões, apesar de *Estrela Dalva* aparecer em todas as capitais da Região Norte e em uma das capitais da Região Centro-Oeste, ela não se aplica a todas, portanto não se configura como homogênea. Contudo, variedades como *Estrela da Tarde*, *Estrela Boiadeira* e *Planeta Marte* são específicas da Região Centro-Oeste, como pôde ser observado na carta e a *Estrela Boiadeira* apresenta motivação sociocultural como justificativa para seu uso.

Finalmente, para nomear a estrela que se move no céu fazendo um risco de luz, foi constatado que temos uma norma linguística nas duas regiões, *Estrela Cadente*. Apesar de Cometa aparecer na maioria das capitais, em Macapá e Porto Velho ela não ocorre. Percebemos também que as variedades *Estrela Guia*, *Meteorito* e *Meteoro*, apareceram exclusivamente em capitais da Região Norte, demonstrando assim, a heterogeneidade nos falares com relação ao referente buscado. Com a observação da Figura 3, percebemos que a variedade *Meteoro* também nos apontou uma possível subárea lexical que futuramente será confirmada ou não.



O Projeto ALiB, como foi anunciado no início do trabalho, é sem dúvida o maior projeto nacional de mapeamento e descrição do Português falado no Brasil. Uma das provas dessa afirmativa está demonstrada na análise feita. A partir dos seus inquéritos realizados no final da década de 90 e início dos anos 2000, é possível verificar a diversidade do nosso vocabulário bem como indicar uso de normas linguísticas específicas, baseado em sua distribuição espacial. Os muitos falares que compõem o nosso Português estão carregados de histórias e de experiências, que a nossa vasta extensão territorial não seria capaz de homogeneizar. Por isso, todos os estudos realizados a partir do *corpus* do ALiB objetivam demonstrar essas particularidades e a capacidade que o nosso povo tem de amalgamar todas as suas diferenças sem perder suas características originais.

Referências

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. Gramática, vocabulário. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.
- AQUINO, Robert de. **Astronomia básica: um guia introdutório**. [s.l.]: **Kindle**, [s.d.]. **Ebook**.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Caldas Aulete. 5. ed. Lisboa: Delta, 1986.
- CARDOSO, Suzana A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: cartas linguísticas. Londrina: EDUEL, v.2.2014b.
- CARDOSO, Suzana A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: introdução. Londrina: EDUEL, v.1. 2014a.
- CARVALHO, Paola M. de O. **Relações entre léxico e ambiente** : um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil. 2015. 224 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.
- DICIONÁRIO **Informal on-line de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. Versão 5.0.ed.rev. e at.: Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2004, CD-ROM.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**: Aurélio. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



FRANCO, Cid Barros. **Dicionário de expressões populares brasileiras**. São Paulo: Unidas, 1912.

GOVERNO DO ESTADO MATO GROSSO DO SUL. **Institucional**. [s.l.]. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/institucional/>. Acesso em: 29 mar 2020.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MORAES E SILVA, Antonio de. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Recopilado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MOURÃO, Ronaldo R. de F. **Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

ROMANO, Valter P. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, n. 02, p.203-242, jul./dez.2013.

Recebido Para Publicação em 19 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2020.